

7. NAS FRONTEIRAS DA MIGRAÇÃO

Maria Antonia Veiga Adrião¹

As primeiras ideias

Na chegada:

“Tudo o que vejo é uma linda cidadezinha no meio de montanhas, um lugar onde as pessoas têm esperanças e sonhos mesmo sob as mais duras condições.”

Na Saída:

“Se existe uma cidade que seria melhor sem ela esta é uma.” (Grace, Dogville, 2003).

“São tempos difíceis, logo haverá gente com até menos que nós” (Chuck, Dogville, 2003).

Dogville¹ é uma pequena cidade localizada nas montanhas rochosas dos Estados Unidos que vê repentinamente alterada sua rotina com a chegada de uma nova moradora. É na verdade uma cidade fictícia criada pelo autor e diretor cinematográfico Lars Von Trier², que apresenta uma acanhada cidade tecida no cotidiano de seus residentes como qualquer outra

¹ Doutoranda na Universidade Federal do Ceará – UFC/Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora assistente da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

pequena cidade. Como é uma “cidadezinha rural” que nem prefeitura possuía, seus moradores se reuniam frequentemente para discutir problemas propostos por Thomas Edison Jr. (O Tom, que tinha pretensões de tornar-se escritor e filósofo). É este personagem que se encontra com Grace, personagem intrigante que fogia de uma “cidade grande” e de seus problemas pessoais, chegando a Dogville em uma noite chuvosa.

Em Dogville Grace encontra acolhimento temporário, porque antes de ser confirmada sua estadia naquela “comunidade de pessoas conhecidas onde todos se ajudavam”, foi decidido em reunião extraordinária convocada por Tom que ela poderia ficar por duas semanas, enquanto provaria seu valor, provaria que merecia a confiança daquelas pessoas, provaria que os moradores de Dogville poderiam ser cúmplices de seu infortúnio. É interessante a perspectiva porque é unilateral; não havia como Grace saber que poderia confiar naqueles que lhe ofereciam acolhida temporária.

Ao analisarmos esse aspecto apresentado por Trier, ficamos pensando nos motivos de uma pessoa não ser bem-vinda a uma cidade desconhecida, talvez porque, *a priori*, traga consigo problemas que precisava dividir com os outros habitantes, obrigando-os a modificar suas rotinas para abrir espaço a um desconhecido, no caso desconhecida, que chega “sem nada a oferecer”, como estava consciente Grace. Sem emprego, sem moradia, sem renda nenhuma, sem conhecimentos sobre a vida daqueles que a recebiam, sobre a cultura local. No desenrolar da trama, o autor mostra que na verdade havia muito a aprender e havia mais a ensinar; contudo, o valor de troca do aprender e do ensinar, do dar e receber (*quid pro quo*) não era decidido mutuamente, era apresentado de forma desigual, porque os cidadãos de Dogville é que deliberavam. Grace, como não podia

demonstrar insatisfação, nem obviamente participar das decisões com direito a voto, sequer podia opinar; para ser aceita, precisaria apenas acatar as regras já instituídas, demonstrar agradecimento e consentir as novas normas sobre sua aprovação/permanência ou não, na cidade.

Por outro lado, outra questão interessante estaria na primeira impressão ao chegar à cidade, se comparada à impressão de saída, conforme epígrafe. No deslumbramento inicial da visitante, ou de quem vamos chamar da **imigrante**³, que chega ao um lugar desconhecido. Na primeira impressão de quem está pleiteando um espaço de morada permanente ou *provisório*, um espaço de aceitação em uma nova sociedade. A fala acima de Grace, em sua chegada, encantada com cada detalhe da cidadezinha, com seus moradores, sua localização, se comparada a sua fala final na saída, pode indicar que a escolha de um novo lugar para morar nem sempre está fundamentada na lógica, na racionalidade, no conhecimento prévio necessário para suprir a procura. Pode ser aleatório, ou apenas uma experimentação, uma fuga, uma viagem para solução temporária de problemas que pode dar certo, ou não, afinal quem está em busca de um novo espaço para morar pode não ter escolha no primeiro momento.

O novo lugar pode não ser o mais indicado, ou o melhor, o planejado, o sonhado, o mais desenvolvido, o mais favorável a empregos, a salários, ou o mais bonito, o mais amigável; pode ser apenas uma tentativa, uma experiência, um ponto de chegada necessário ao pernoite, ao descanso. No entanto, as negociações ou as trocas físicas ou *simbólicas*⁴ diante do interesse de permanecer são necessárias, independentemente do desfecho. Difícil não ter que preencher fichas, formulários, pagar hospedagem mesmo que não seja com moeda, com

trabalho ou prestação de serviços, como Grace se propõe, ou não ter que responder a curiosidade ardilosa, como de onde vem, para onde vai, por que aquele lugar e não outro; o que procura, ou o que encontrou; o que faz ou com que trabalha; de justificar endereço anterior, nome, sobrenome, origem familiar, sotaque, costumes. “Embora ela não satisfizesse sua curiosidade falando alguma coisa sobre seu passado, para não colocar ninguém em risco, ela cumpria a missão de Tom, para ensinar a Dogville a lição de aceitação.”⁵

Passando da ficção à realidade, mas não totalmente quando se trata de escolher um lugar para morar e do que encontrar na chegada⁶, para quem decide cruzar a fronteira do desconhecido, ou do “ouvi dizer”, ficamos refletindo sobre os motivos ou motivações diversas que levam as pessoas a deixar suas origens e partir em busca de uma nova realidade; reflexão nada original, por certo. E ficamos pensando se haverá algo de inédito ou de incomum a ser dito, se haverá algo que acrescenta ao debate sobre migração, trabalho e alteração cultural. Se haverá algo que provocaria uma interlocução com os interessados em estudar fronteiras étnicas, culturais e territoriais, em estudar caminhos que se cruzam nas muitas buscas por novos ou outros lugares que possam representar um começo, ou recomeço, uma saída, ou uma chegada para pessoas que precisam se mover de um lugar a outro?

No caso da emigração/imigração percebida em Dogville, seu autor não coloca em oposição urbano versus rural, ou cidade grande versus cidade pequena, mesmo que essas dicotomias apareçam eventualmente no decorrer da trama. O que acreditamos estar pautado são as relações entre moradores antigos e a nova moradora, ou entre os grupos de moradores já estabelecidos na cidade *versus* a representante, talvez de um

novo grupo, ou ainda podemos pensar que o que está em pauta são as diferenças “étnicas”⁷ que separavam a visitante /migrante temporária dos moradores de Dogville. Embora Tom aceite ser cúmplice, protetor e amigo de Grace, mediando sua relação com os outros moradores por entender a desconfiança que os mesmos sentiam em relação a estranhos, considerando-se que ele não era diferente, o que estava em pauta eram os valores de troca entre Grace e os cidadãos de Dogville. E uma desconhecida sem família não tinha, *a priori*, nada a oferecer, assim como os conhecidos desconhecidos da visitante não precisavam de nada vindo dela, sem contar que temiam estar em perigo pela forma como a mesma chegara: sozinha, sem bagagem e fugindo de um gângster.⁸

As segundas ideias

Vamos tomar a obra de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, Teorias da Etnicidade⁹, nesse segundo momento, para tentarmos entender as fronteiras que separam grupos migrantes de grupos sociais estabelecidos em um lugar¹⁰. Isto tudo de forma muito cambiante, porque estaremos falando de certa forma hipoteticamente, já que ainda não entrevistamos os grupos emigrados objeto de nosso estudo; portanto, não mapeamos seus lugares de origens e destinos, já que pode ter havido outros destinos até o estabelecimento na cidade de Sobral. Apenas sabemos que havia, como deve ainda haver, um movimento migratório entre cidades da região norte cearense se atentarmos para os índices do IBGE, que a partir de 1960 adota em sua pesquisa a mobilidade humana existente nos municípios brasileiros, e em todos os municípios dessa microrregião havia uma mobilidade populacional considerável.¹¹

E deste modo, tentamos entender os grupos sociais que se pretendem distinguir não apenas por diferenças culturais, econômicas, sociais, políticas, mas por reivindicarem distinção étnica, por reivindicarem valores identitários que não se misturariam ou não se confundiriam com outros, que colocam na arena das relações de força não apenas indivíduos ou grupos, mas seus valores familiares, coletivos, geracionais. Que na correlação de forças esses valores seriam negociados de forma diferenciada, ou nem teriam valor de troca num primeiro momento, a exemplo da relação Dogville versus Grace apresenta do acima, embora não imunes a mudanças.

Refiro-me, por exemplo, à afirmação dos poucos migrantes com quem entramos em contato, que fizeram questão de afirmar que eram do “sertão”, quando indagados se nasceram em Sobral, e de afirmarem que eram “sertanejos, que trabalhavam na lavra”. Como se trata de um grupo pequeno, consideramos cedo para quaisquer conclusões; no entanto, chama atenção essa necessidade de afirmar uma identidade que se distinga dos sobralenses pela origem e pelo trabalho, considerando o tempo de residência em Sobral, já que hoje idosos, mas chegaram jovens a essa cidade, no caso dos dois contatados em 1970.¹²

Poutignat e Streiff-Fenart “tomaram partido” à perspectiva barthiniana para analisar as relações interétnicas percebidas na França no século XX, quando procuraram entender as fronteiras culturais que separavam os grupos de imigrados (chegados à França “depois da Segunda Guerra Mundial e da descolonização”) dos franceses; quando concordaram com Fredrik Barth sobre a necessidade de compreender os imigrantes como grupos ou indivíduos etnicamente complexos e representantes de sistemas sociais e culturais “variáveis” que

precisavam ser “problematizados” e não ignorados ou discriminados.¹³

Para Jean-William Lapierre, no prefácio da obra desses estudiosos:

Barth substituiu uma concepção estática de identidade étnica por uma concepção dinâmica. Ele entendeu muito bem e faz entender que essa identidade, como qualquer outra identidade coletiva (e assim também a identidade pessoal de cada um) é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que os integram ou não.¹⁴

Nesse sentido, esses antropólogos insistiram em entender as relações étnicas que se estabelecem entre os grupos sociais, nacionais e estrangeiros, ou naturais e imigrantes, ou se quiser, entre maioria e minorias sociais¹⁵, em consonância com os estudos de Barth publicados em 1969¹⁶. E nessa esteira, alguns problemas se impoem como a problemática das identidades. Como entender a questão das identidades dos migrantes em correlação com os grupos sociais já moradores de um lugar, naturais ou imigrantes estabelecidos anteriormente? Ou como se dá a mediação do eu em relação com os outros e dos outros em relação com o eu? Ou como os grupos ou indivíduos são assimilados em uma dada sociedade enquanto assimilam novas ideias e práticas?

Considerando que essa assimilação tem mão dupla, representa tanto o apreender o exterior vivido pelo grupo,

como o apreender o grupo do exterior (da sociedade), que igualmente assimila ou integra o que lhe chega de fora, embora não com as mesmas regras, é bom lembrar, como no caso de Dogville. Ou ver como a sociedade que integra um novo grupo se vê, enquanto assimila as diferenças, o que assimila e por quê? Ou como os grupos migrantes se veem e o que assimilam na mudança e por quê? Como as mudanças provocadas no interior dessa sociedade e no interior do grupo trariam mudanças de identidades, de reconhecimento do outro ou de autorreconhecimento? Como acontece essa recomposição?

É o que Poutignat e Streiff-Fenart classificaram como um dos “problemas-chave” nesse tipo de abordagem, a “atribuição categorial pela qual os atores identificam-se e são identificados pelos outros”¹⁷, quando citando o sociólogo Immanuel Wallerstein, eles acentuam que a identidade étnica: ¹⁸

[...] se constrói na relação entre a categorização pelos não membros e a identificação com um grupo étnico particular. ‘A pertença a um grupo étnico’, já escrevia Wallerstein em 1960, é questão ‘de definição social, de interação entre a autodefinição dos membros e a definição dos outros grupos.’ É esta relação dialética entre as definições exógena e endógena da pertença étnica que transforma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito à redefinição e à recomposição.¹⁹

Na *categorização* encontraremos a relação dialética, ou de diálogo que, se não redefine totalmente os grupos in-

tegrantes ou os indivíduos, permite que os mesmos possam se recolocar (dizer como se veem e como veem o outro) na linha sempre oscilante entre o ser e o vir a ser, entre o como se vê e o como é visto; sem que lhes haja imposições diretas ou objetivas, como defenderiam os marxistas, incluídos na análise dos autores. Permite que dentro de limites possíveis, é o que fica entendido, que os grupos envolvidos possam fazer escolhas do que será importante permanecer na relação com outros grupos étnicos e na correlação de forças. Isto na perspectiva da antropologia social que os autores elegem Barth como re-definidor de conceitos, a qual muitas vezes se torna confusa para leigos como nós, considerando as várias abordagens desse setor de estudos; sem contar que os autores não facilitam, porque na crítica genealógica eles apresentam as muitas correntes da antropologia social moderna que inclui primordialistas, sociobiologistas, instrumentalistas, mobilizacionistas, neomarxistas, interacionistas, cognitivistas.²⁰

Contudo, no tocante a Barth, os autores deixam claro que seu enfoque é a *interação social* que apresenta a etnicidade como “um processo contínuo de dicotomização entre membros e *outsiders*, requerendo ser expressa e validada na interação social.” Para Poutignat e Streiff-Fenart a “contribuição principal” desse antropólogo consistiu em insistir nos “aspectos generativos e processuais dos grupos étnicos.” Ou seja, “Estes não são considerados como grupos concretos, mas como tipos de organização baseados na consignação e na autoatribuição dos indivíduos a categorias étnicas.” Portanto, Barth defende que não há “estabilidade” na interação/integração dos grupos ou indivíduos.²¹

[...]. Barth pressupõe o contato cultural e a mobilidade das pessoas e problematiza a emergência e a persistência dos grupos étnicos como unidades identificáveis pela manutenção de suas fronteiras. Essa inversão de problemática coloca o processo de atribuição categorial e de interação no centro da análise. [...]. O foco colocado nas fronteiras guarda para a noção de etnicidade sua ancoragem na noção de grupo, mas frisa a dimensão processual.²²

No entanto, nas fronteiras teóricas vamos encontrar a divergência explícita, pois alguns estudiosos problematizam as noções de Barth opondo-lhe o par “Coação versus opção”, questão apresentada de forma muito feliz pelos autores. As críticas ao possível “ultrassubjetivismo” de Barth, que teria atribuído aos grupos e indivíduos a total liberdade de escolha sobre o que viver na relação categorial “Nós” “Eles” sempre em construção; seria uma interpretação, não a expressão do que Barth teria defendido. Deste modo, Poutignat e Streiff-Fenart ponderam com os críticos citando Lyman e Douglas, “que se encontram entre os que insistem com mais intensidade nas possibilidades de opções táticas propiciadas pela etnicidade”, porém, acentuam os “limites na manipulação das identidades étnicas”. Portanto,²³

Nas sociedades pluriétnicas, o poder dos dominantes tem entre outros o efeito de restringir a lista das escolhas possíveis de identidade oferecidas aos dominados. Mas

os membros das minorias podem igualmente explorar por sua própria conta as ambiguidades, as incertezas e os mal-entendidos comunicativos sempre presentes nas sociedades etnicamente diversificadas.²⁴

Sem podermos encerrar o debate, apenas apresentamos algumas questões que consideramos pertinentes para nosso estudo, para fazer a crítica ao que esperamos os migrantes venham a compartilhar conosco, e ao que compartilharam até agora, (é bom lembrar que voltaremos aos migrantes em breve); não obstante, por que essas pessoas depois de tantos anos morando em Sobral ainda destacam sua identidade sertaneja? O que significa sertão para eles? Esta seria uma ideia recente, relacionada com a forma como se veem atualmente em Sobral, ou seria uma ideia conservada ao longo dos anos, para demarcar fronteira, território, distinção dos sobralenses? E por quê? Como se deu o vínculo sertão-cidade ao longo dos anos?²⁵

Afinal, Sobral vem de uma urbanização crescente que a tem diferenciado das cidades adjacentes, diferença que se alargou nas últimas décadas se comparada aos municípios que estão na sua zona de influência,²⁶ por ter, em média, desde os anos 1960 mais ou menos cinco vezes a população da maior parte desses municípios, média que duplicou nas últimas décadas²⁷, e por sua estrutura urbana, indústrias, comércios, escolas, serviços médico-hospitalares entre outros dados conforme senso demográfico IBGE 2010.²⁸O que sabemos é muito cedo para afirmações, mesmo porque a mobilidade humana está longe de ser evidenciada apenas por dados geoeconômicos. Lembrando que essa urbe não é distante das outras que a circundam, não é difícil imaginar que o vínculo sertão-cidade,

ou rural-urbano²⁹ nunca tenha sido quebrado totalmente.³⁰

Lembrando ainda Poutignat e Streiff-Fenart que as “As fronteiras étnicas são manipuláveis pelos atores”, neste sentido, no diálogo estabelecido com os outros grupos ou com o próprio grupo, podem ser consideradas ou reivindicadas várias *categorias* de identificação. As fronteiras “se estendem ou se contraem em função da escala de inclusividade na qual se situam e da pertinência, localmente situada, de estabelecer uma distinção Nós/Eles.” Esses autores chamam atenção para estudos que evidenciam essa relação de localização e demarcação de espaços:³¹

Despres mostra como esse processo está operando na sociedade guianense, onde, de acordo com as circunstâncias, os indivíduos podem exigir uma identidade nacional (guianense) em oposição aos europeus, aos americanos ou aos outros West Indians, ao passo que eles podem em outras situações se diferenciar segundo a dicotomia brancos/não brancos e, em outras situações, as identidades invocadas servem para dividir os africanos entre si.³²

Buscando diálogo com outras ideias

Odair da Cruz Paiva chama atenção para a perspectiva histórica dos deslocamentos humanos, que perpassa gerações, domínios ou regimes políticos, continentes, regiões, países, orientações religiosas e políticas, quando apresenta “as migrações como um evento de longa duração e como um dado de humanização do homem”³³; isto ao referir-se à migração

que tem provocado encontros e desencontros entre ocidente e oriente desde a colonização da América. Em sua genealogia histórica sobre esses deslocamentos populacionais, Paiva lembra que no tocante ao “fazer a América” e desfazer/refazer/reconstruir da Europa, talvez pudéssemos acrescentar/interpretar deste modo: “50 milhões de pessoas cruzaram o Atlântico, entre 1820 e 1914”, “os Estados Unidos receberam a maior parte (35 milhões), seguido pelo Canadá (5,6 milhões), a Argentina (4,6 milhões) e o Brasil (3,3 milhões)”.³⁴

Neste sentido, esse estudioso “alerta para que não compreendamos as migrações como algo absoluto e novo”, isto porque para ele:

[...] o debate contemporâneo sobre o tema tende, particularmente quando veiculado pelas mídias, a entrar numa perspectiva a-histórica, cujas representações se limitam aos migrantes indocumentados que cruzam as fronteiras ou às precárias embarcações apreendidas pelas polícias marítimas. Produz-se, assim, um saber fundado em interpretações que são pouco esclarecedoras.³⁵

Não obstante, ele assinala o quanto essa problemática vista de forma tão superficial provoca consequências dolorosas àqueles que precisam se deslocar, seja por necessidade própria, seja pelas contingências políticas, religiosas, de guerras, entre outros problemas nada novos quando se trata de relações entre povos. Em meio a essas consequências que dizem respeito à alteração cultural, social, mas também econômica e política que sofrem os que chegam e os que recebem, o autor acentua a “xe-

nofobia, ideologia da segurança, preconceito, problemas médicos e sanitários, disparidades econômicas entre as regiões ou o debate sobre políticas sociais excludentes e restritivas”³⁶. E esse historiador vai mais além: sublinha que a “agenda negativa induz” a

[...] ideia de que existem lugares definidos do vivido, lugares polares e dicotômicos. Há os nacionais e os estrangeiros, há os da terra e os forasteiros, há os que têm o dever de preservar os valores de sua cultura, sua história e seu modo de vida, e há os que, pela sua presença e ação, são os novos bárbaros.³⁷

Poderíamos naturalizar essa visão quando voltamos nosso olhar ao passado; todavia, é exatamente essa perspectiva histórica “cristalizada” que o autor procura combater quando analisa as fronteiras territoriais, para ele mais imaginárias que físicas, que a sociedade moderna criou ao longo do seu fazer, refazer e nascer como “Estado-Nação”, porém, não menos conflituosas e até perversas podemos concluir, quando se trata de punir quem infringe as leis estabelecidas no ato de se deslocar e criar novos caminhos, como fica dito acima.

Mas para não fugir do debate de Paiva, no tocante a “invenção” de fronteiras, ele acentua que aí estaria engendrado “o mito da unidade”, possibilitando principalmente “o controle da população pelo Estado”. Ele parte do “pressuposto de que a diferença que separa o sujeito, que se pensa como nacional, do migrante é apenas o tempo de fixação no lugar. Numa perspectiva histórica de longa duração, todos somos migrantes”³⁸, conclui esse estudioso.

Ainda gostaríamos de assinalar um contraponto importante no pensamento desse autor, para passarmos a outro ponto, trazendo as questões que ele levanta e que merecem aprofundamento, embora não estejamos propondo respondê-las nessa exposição que ora apresentamos. Paiva indaga:

Há um direito de migrar? Podemos inserir esse tema na agenda dos Direitos Humanos inalienáveis? [...]. Se sim, estamos dispostos a questionar os pilares construídos no pretérito que isolam os homens em guetos e exacerbam suas diferenças? Se sim, aboliremos as fronteiras, questionaremos o Estado? Se sim, vamos rever nossos conceitos e preceitos religiosos e culturais? Se sim, estamos dispostos a aceitar a igualdade entre os homens através do respeito às diferenças?³⁹

Essas são questões que merecem uma reflexão mais aprofundada sem dúvida porque, como o autor assinala, a migração fez o mundo acontecer e se alternar entre novo e velho, permitiu aos povos se alterarem ao longo dos séculos e milênios, trouxe contribuições positivas e negativas provocadas por políticas de controle populacional, mas igualmente pela necessidade de mover-se que os grupos humanos estabelecem em suas vidas familiares e sociais quando priorizam regiões, países, cidades, criando novos territórios. A liberdade de ação que move as pessoas parece estar além da disciplina imposta por estados e nações. Portanto, talvez esteja na hora de os governos e nações reconhecerem a mobilidade humana como um direito inalienável como propõe esse historiador.

Se tomarmos estudiosos sobre migração como o sociólogo Abdelmalek Sayad, veremos que não é possível simplificar o ato de emigrar/imigrar, nem “inocentar os estudiosos desse fenômeno”. O duplo partir de, e chegar a um lugar, que não é o lugar onde uma pessoa nasceu e viveu por um tempo, compartilhando pessoas (familiares, amigos, vizinhos), memórias, espaços de convivência, costumes, valores culturais e étnicos, não é nem nunca foi um ato simples, sem contar que nem sempre é voluntário, menos é visto com simplicidade ou sem cobranças sociais, como bem sublinha Sayad.⁴⁰

Muitos dos migrantes (crianças, jovens, mulheres esposas) são migrantes involuntários, acompanham por obrigação, como parte integrante de uma família, seus pais ou esposos, portanto, não fizeram uma opção de migrar. Questão problematizada em vários estudos sobre migração, como o de Marilda Aparecida Menezes,⁴¹ que estudou migrações familiares temporárias e sazonais entre famílias de camponeses brasileiros, como estratégia de sobrevivência, entre estados brasileiros. Questão que pode ser mais bem evidenciada quando se trata de atravessar fronteiras de outros países, porque como analisa Sayad, a família entra junto ou vem depois e se une ao chefe desta, não obstante, se não permanecer vinculada, em caso de separação ou morte, crianças e mulheres sofrem dupla discriminação.⁴²

Sayad faz uma crítica contundente ao discurso científico e político que reduz o emigrante/imigrante a um problema, um problema *linear* da “sociedade que o agrega”, esquecendo-o como emigrante, e esquecendo a sociedade que o pariu e o deixou partir. O migrante tratado desta forma é que passa a ser o *problema* desse estudioso. Para ele o “imigrante e a imigração” são:

Produto, o mais das vezes, de uma problemática que lhe é imposta de fora, e à qual não é sempre fácil escapar, o discurso (científico ou não) sobre o imigrante e sobre a imigração está condenado, para poder falar de seu objeto, a acoplá-lo a toda uma série de outros objetos ou de outros problemas. Aliás, seria possível falar de outra forma? Está no estatuto (ao mesmo tempo social, jurídico e, também, científico) e, por conseguinte, na própria natureza da imigração, só poderem ser nomeados, só poderem ser captados e tratados através dos diferentes problemas a que se encontram associados – problemas que se devem entender aqui no sentido de dificuldades, distúrbios, danos etc.⁴³

É interessante perceber com Sayad o imigrante/emigrante dessa forma, porque aquilo que se apresentava, pelo menos no momento da publicação de seu estudo “L’immigration ou les paradoxes de l’altériorité”, na França no início da década de 1990 sobre a migração de argelinos à França, como *objeto* comum aos estudiosos sobre esse fenômeno, ele contesta justamente o que para ele é de “natureza temática” e “ilusória”. Ou seja: “aquela que separa a emigração (e a qualidade de emigrante), e tudo o que dela se pode dizer, da imigração (e da condição de imigrante)”.⁴⁴ Considerando a natureza “etnocêntrica” desses estudos, visto que não importava quem era o migrante, de onde ele vinha e por que vinha? Apenas quando se torna um “problema social em sua totalidade” porque chega

de outra terra, passa a existir e como problema; a redundância é necessária. A sociedade segundo esse sociólogo ignora, ou “se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento.”⁴⁵ Não obstante, o mesmo se pode dizer da sociedade de emigração e nesse sentido, para esse sociólogo:

Esta divisão participa, ao que parece, da mesma relação de dominação, da mesma dissimetria ou desigualdade nas relações de força que se encontram na origem e são constitutivas do fenômeno migratório; e é, sem dúvida, nesse desequilíbrio de aparência científica – desequilíbrio ao qual não se dedica toda a atenção necessária – que se mostra de forma mais clara a relação de força que se encontra na fonte do fenômeno da emigração e da imigração.⁴⁶

Sayad entende que existe uma “ordem prática” na problematização da questão, e quando surge a necessidade de entender o fenômeno na origem, mesmo assim ainda é de ordem estrutural, não é uma preocupação de ordem filosófica, de conhecimento, de interesse geral ou mesmo particular; é de ordem pragmática, para “buscar as causas, a razão, o princípio explicativo, em suas próprias estruturas internas (suas estruturas econômicas, o mercado de trabalho, suas estruturas demográficas, suas estruturas sociais etc.)”.⁴⁷ É para saber a razão objetiva de os “trabalhadores” de tal lugar estarem emigrando e por que para este e não para aquele lugar? O que se impõe não é saber sobre as pessoas e suas necessidades sociais, culturais,

religiosas, mesmo econômicas, políticas, de emigrar; é saber sobre o trabalhador e seu trabalho, ou falta deste.

E quanto ao tema tão explicitamente imbricado, **trabalho**, Sayad ainda consegue ser mais incisivo e irônico, embora reconheça que a matriz “explicativa” e não de “origem” não está de todo errada, “têm igualmente uma função de legitimação, ou seja, de argumentos que devem justificar uma presença que, de outra forma, seria impensável, até mesmo escandalosa”.⁴⁸

Contudo, essa “cumplicidade objetiva” para ele é *ficcional*. Não apenas quando se tratava da imigração argelina à França, mas em quaisquer outras situações, ele considera “ficção”, porque na interpretação desse sociólogo não existe emigração/imigração só por trabalho, ou que aconteça unicamente “sob o império do trabalho e por motivo de trabalho exclusivamente”. E nesta perspectiva dos estudos explicativos, o emigrante/imigrante trabalhador não se pretende permanecer como “estrangeiro”, sua estadia seria provisória, igualmente não se pretende sozinho, sem sua família, mesmo vivendo na provisoriedade, o que seria uma “dupla ficção”.⁴⁹

Mas para esse estudioso, essa seria uma característica desse fenômeno ser dissimulado ou cúmplice das circunstâncias; ser ilusório, tanto dos emigrantes/imigrantes como da sociedade emigradora, igualmente da sociedade imigradora. Apresentar os migrantes como provisórios, porque estes se apresentam assim, como se não tivessem chegado para ficar, e como se, se fossem partir novamente, o destino certo seria o anterior, parece ser a proposição tanto da sociedade emigradora como da imigradora. Sem contar que os migrantes parecem aceitar ambigualmente, é certo, serem tratados como sempre predispostos a partir, por mais longa ou infundável que seja sua

estadia, como se quem saiu tivesse reservado seu lugar, como se houvesse um contrato social ou familiar, um estatuto que legitima o viver circunstancialmente.⁵⁰

Ideias de saída

Continuando com Sayad, dentro dessa possibilidade de entender as relações que se estabelecem entre sociedade de imigração e imigrante, ou sociedade de emigração e o emigrante, e entre ambas, indagamos como esse autor, por que o trabalho passa a ser matriz explicativa do ato de emigrar/immigrar? Este estudioso nos lembra, assim, da “economia de exigência” ou o que poderíamos chamar de *economia dos pobres*, porque para ele, “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito.”⁵¹

Seria por isto que imigração/emigração faz par com trabalho? Podemos indagar, e Sayad nos responde mordazmente que “a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida”, porque para ele é imperativo lembrar que “foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser.”⁵² Igualmente é importante lembrar com Sayad que:

E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no

lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. [...] ser imigrante e desempregado é um paradoxo.⁵³

Outros estudos já comprovaram que Sayad estava certo em suas críticas, que é possível investigar as experiências dos emigrantes/imigrantes sem ligá-las diretamente aos problemas econômicos, estruturais, demográficos de um estado, país, nação, ou sem ligá-las a colonizações, guerras, políticas de migração, cataclismos climáticos, entre outros. Que o olhar sobre a emigração/imigração pode ser um olhar dirigido às pessoas e suas necessidades de mobilização, de conhecimento, de ampliação de horizontes, independentemente de classes sociais ou de segmentação social e cultural. No Brasil temos excelentes exemplos de pesquisas que oportunizam essa perspectiva de conhecimentos sobre a migração interna, como Menezes, Santana, Lucena, Souza, entre outros.⁵⁴

E não estamos dizendo com isto, e tampouco estamos afirmando que Sayad o disse, que esses estudos não foram nem são relevantes e até fundamentais para ampliar o conhecimento nas diversas áreas sobre as populações e suas necessidades. A questão é se seremos capazes de falar de imigrantes/emigrantes livres de preconceitos acadêmicos, políticos, sociais? Se vamos conseguir estudar as experiências ou práticas migratórias sem ligá-las diretamente ao trabalho e à economia e suas problemáticas, ou melhor, ao trabalho, a economia e suas consequências, como criticou muito bem esse sociólogo.

Notas de fim

1. **Dogville** “filme lançado em 2003 e dirigido por Lars Von Trier, que faz parte da trilogia ‘E.U.A. Terra de Oportunidades’. Trata-se de uma co-produção dos países Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Reino Unido, França, Alemanha e **Países Baixos**.” <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dogville>. Pesquisa realizada em 25/07/2013 às 09:36.

Ver ainda: “Isolada no alto das montanhas, Dogville é um vilarejo minúsculo e sossegado no sul do país. De seus poucos habitantes, o único a não demonstrar satisfação com a rotina do lugar é o jovem Thomas Edison Jr.. Filho do médico local, com pretensões de tornar-se escritor e filósofo, Thomas vive organizando reuniões moralistas com a comunidade com o intuito de tornar o mundo melhor, e está convencido da necessidade de um ‘exemplo’ para que os moradores possam dedicar-se ao exercício de fazer o bem. O exemplo parece vir numa noite em que, logo após ouvir tiros vindos da floresta, Thomas e os demais abrigam e escondem a bela Grace, desconhecida que estaria sendo perseguida por gângsteres e cujo passado é mantido em segredo. Em sinal de agradecimento, fica acordado que a recém-chegada, [...] irá dedicar uma hora diária a cada morador, trabalhando para eles. O convívio entre Grace e a população de Dogville, no entanto, não tardará a revelar as faces verdadeiras de cada um, gerando uma situação de autoritarismo e crueldade.” Pesquisa realizada em 25/07/2013 às 09:50. http://www.cienciashumanas.com.br/resumo_artigo_3515/artigo_sobre_dogville.

2. Lars Von Trier “foi um dos signatários do movimento ‘Dogma’ (uma versão dinamarquesa do ‘uma ideia na cabeça e uma câmera na mão’ do nosso Cinema Novo dos anos 1960)”. Para alguns críticos essa forma de fazer cinema é meio teatral e “O teatro de “Dogville” situa-se nos Estados Unidos em plena década de 1930, com a miséria da Depressão e a violência dos gângsteres. Mas poderia situar-se em qualquer cenário e em qualquer época.” <http://grupoellip.blogspot.com.br/2013/01/critica-de-filme-dogville.html>. Pesquisa realizada em 25.07.2013 às 09:58.

3. O que é um imigrante? In: SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. PP 45-72. A crítica desse sociólogo coloca o *Imigrante/ Emigrante* como alguém que deve viver *provisoriamente* em um lugar que não é o de sua origem familiar, porque mesmo se naturalizado em um lugar, mas sua origem familiar ou étnica é de outro, este ainda é considerado, senão legalmente, mas moralmente um migrante. E sua condição é sempre de *trabalhador* ou filho deste. Para ele na forma como os migrantes são tratados, (refere-se à França) não são migrante se não estiverem na condição de trabalhadores e trabalhadores em trânsito, provisórios, vivendo sempre na espreita da volta, do retorno, frisa esse autor.

4. Ver A Identidade e a Representação: Elementos Para Uma Reflexão crítica Sobre a Ideia de Região. IN: BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 2.a ed. Rio de Janeiro: B. Brasil, 1998. Pp. 107-132.

5. Ver A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 107-132. Para esse autor “As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo.” p. 113.

6. Citado pelo narrador ao exibir um diálogo entre Tom e Grace. Ver a crítica: “Tom insistia em que as pessoas não eram verdadeiramente boas e altruístas para ajudar alguém”. Filme Dogville: Idem. <http://grupoellip.blogspot.com.br/2013/01/critica-de-filme-dogville.html>. Pesquisa realizada em 25.07.2013, às 09:58.

7 Visão compartilhada por muitos pesquisadores ao entrevistar migrantes, de que a realidade se perde em meio ao desejo/sonho de encontrar boas oportunidades de empregos, salários etc. Sobre esse tema ver: SANTANA, C. D’Almeida. *Linguagens Urbanas, Memórias da Cidade: Vivências e Imagens da Salvador de Migrantes*. São Paulo: Annablume, 2009. LUCENA, C. T. *Artes de Lembrar e de Inventar: (re) lembranças de Migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999. ESTRELA, E. Souza. *Os Sampauleiros: Cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: Fapesp: EDUC, 2003. TAUBE, M. J. de M. *De Migrantes a Favelados: Estudo de um Processo Migratório*. V. I. Campinas, S. P. Editora da Unicamp, 1986.

8 Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart concordaram com Fredrik Barth “que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FRENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. p. 141.

9 <http://grupoellip.blogspot.com.br/2013/01/critica-de-filme-dogville.html>. Pesquisa realizada em 25.07.2013, às 09:58. Para Abdelmalek Sayad, para ser considerado imigrante na França precisava estar acompanhado de família, (marido, pais) do contrário, não conseguiria renovar visto, dada a desconfiança que causava o migrante sozinho, porque sua finalidade seria o trabalho e viúvas e filhos órfãos não poderiam trabalhar. Ibid., p. 70-72.

10. Ibid.. Ver o Capítulo 5: Estado atual do debate sobre etnicidade. p. 123-140.

11 No Capítulo Grupos Étnicos e Suas Fronteiras de Fredrik Barth apresentado no livro *Teorias da Etnicidade* já citado, Barth esclarece: “Antropólogos sociais evitaram

amplamente estes problemas, usando um conceito de “sociedade” altamente abstrato para representar o sistema social englobante dentro do qual grupos e unidades concretas menores podem ser analisados. Contudo, tal procedimento deixa intactas as fronteiras e as características empíricas de grupos étnicos e as importantes questões que são levantadas por tal investigação.” Idem, p. 188.

12 Segundo o Relatório do IBGE de 1960 no quesito Migrações Internas: “Pela primeira vez nos Censos Nacionais foi efetuada a pesquisa direta dos movimentos migratórios, através de indagações para ‘os que não haviam nascido no município de residência’ sobre o tempo de residência ininterrupta no Município; o Lugar de procedência” (Unidade da Federação ou País Estrangeiro). Pesquisa realizada em 09/07/2013 às 9:18. Biblioteca. bge.gov.br/visualização/periódicos/68/cd_1960_v1_r4_ce.pdf. P XI.

13 Elias (Casado, aposentado, 67 anos, entrevista concedida no Bairro Terrenos Novos em sua residência em setembro/2006 – profissão agricultor. Sebastião (Casado, aposentado, 66 anos, entrevista concedida no Bairro Terrenos Novos em sua residência em junho/2006, profissão Agricultor).

14 Ver LAPIERRE Jean-William no Prefácio da Obra de POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FRENART, Jocelyne. Op. Cit., p. 9-14.

15 Ibid., p. 11

16 Ibid., p. 141.

17 Ibid., p. 142.

18 Ibid., p. 143. POUTIGNAT e STREIFF-FRENART chamam atenção para o fato que “Vários autores estabelecem uma distinção entre grupos étnicos e minorias, sendo os primeiros comunidades que se reconhecem e são reconhecidas pelos outros enquanto tais, enquanto as minorias são definidas pelo preconceito e discriminação exercidos pelo grupo dominante...”

19 No Capítulo 4 “A etnicidade, definições e conceitos” os autores propõem elucidar o estado atual do debate sobre as abordagens étnicas da antropologia social, p. 85-121. E afirmam: “Mais do que fixar o pensamento dos autores sobre etiquetas redutoras que não abrangem senão de modo muito imperfeito os meandros reais do debate teórico, pareceu-nos preferível separar as abordagens que, se às vezes são efetivamente representadas por um indivíduo que tenha fundado ou que se identifique totalmente com uma escola de pensamento (como a sociobiologia por Van denBerghe, ou o primordialismo por shils), são frequentemente combinadas no mesmo autor segundo uma forma original.” p. 87.

20 Ibid., p. 111.

21 Ibid., p. 111-112.

22. Ibid., p. 134.

23. Ibid., p. 135.

24. *Ibid.*, p. 158.

25. POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FRENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: Seguindo de Grupos Étnicos e Suas Fronteiras de Fredrik Barth*. Op. Cit., p. 159.

26. No que tange a ideia de Sertão e os deslocamentos sofridos Barbosa defende que “resgatar os deslocamentos sofridos pelo espaço sertanejo, não somente nos níveis geográfico, espacial e político, como também nos planos simbólicos, cultural e imaginário, em diferentes temporalidades, é buscar as experiências que lhe deram substancialidade, até porque [...] esses deslocamentos referidos ao espaço sertanejo tem sido objeto de longas ‘operações históricas’ preocupadas em estabelecer os usos e sentidos da palavra *sertão*”. BARBOSA, Ivone C. *Sertão: Um Lugar – Incomum*. O sertão do Ceará na Literatura do Sec. XIX. São Paulo, 1998. Tese de Doutorado em História apresentada a USP. PP 27-55.

27. O município de Sobral em 1960 possuía uma população de 72.511 habitantes. O relatório do IBGE de 1960 apresenta pela primeira vez o movimento migratório por município e Sobral tem um percentual significativo de pessoas residentes, mas não nascidas nessa urbe. Quase cinco por cento, ou seja, 3.218 pessoas. Contudo, essa não foi uma exclusividade de Sobral, vejamos algumas cidades: Santana do Acaraú 19.943 / 327 (total da população e total deresidentes não naturais) – Alcântaras 7.470/349 – Cariré 16.887/2.146 – Frecheirinha 6.348/1.341 – Groaíras 4.898/675 – Massapê 17.801/614 – Meruoca 10.456/374 – Moraújo 4.294/366 – Reriutaba 21.314/3.326 – Santa Quitéria 28.475/1.418, Santana do Acaraú 19.943/227 (respectivamente). A divisão regional do IBGE de então, colocava Sobral e as cidades confluentes na “Zona Fisiográfica Sertão Centro Norte”, num total de 24 municípios. Hoje a divisão regional do Estado é outra, no total de 33 microrregiões, antes apenas 05, e Sobral é também uma microrregião composta de 12 municípios, incluindo o próprio. No entanto, importa dizer que a exemplo de Sobral, em todos se encontrava uma mobilidade humana, quando alguns municípios se destacam considerando o número populacional como Cariré e Reriutabacom uma mobilidade interna de mais de 15%.

Foe: Biblioteca.ibge.gov.br/visualização/periodicos/68/cd_1960_v1_r4_cc.pdf.

Pesquisa realizada em 09/07/2013 às 9:18.PP 80-118-119.

28. População Senso 2010 IBGE dos municípios já citados total da população mais total de migrantes entre zona urbana e zona rural respectivamente: Alcântaras 10.771/361 – Cariré 18.347/799 – Frecheirinha 12.991/1.002 – Groaíras 10.228/712 – Massapê 35.191/1.624 – Meruoca 13.693/710 – Moraújo 8.070/458 – Reriutaba 19.456/825 – Santa Quitéria 42.763/1.575 – Santana do Acaraú 29.946/826 – Sobral 188.233/10.799. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=231290&idtema=103&search=ceara|sobral|produto-interno-bruto-dos-municipios-2010>. Pesquisa realizada em 11/07/2013 às 15:30.

29. Quanto ao PIB, colhemos os resultados do censo demográfico do IBGE/2010, ainda não conseguimos informações dos censos do período em estudo desses municípios, contudo se pudermos comparar o atual estágio de desenvolvimento econômico medido pelo PIB com as décadas anteriores a exemplo da população, teremos Sobral entre os sete municípios do Ceará mais ricos com PIB 2.348.207 e os demais circunvizinhos maior

parte entre os mais pobres: Alcântaras 37.777 – Cariré 73.906 – Frecheirinha 63.193 – Groaíras 40.462 – Massapê 134.580 – Meruoca 49.500 – Moratújo 32.736 – Reriutaba 85.705 – Santa Quitéria 222.221 – Santana do Acaraú 122.747 (valores em reais/2010) entre outros, pois alguns hoje municípios antes eram distritos inclusive de Sobral. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=231290&idtema=103&search=ceara|sobral|produto-interno-bruto-dos-municipios-2010>. Pesquisa realizada em 11/07/2013 às 14:43.

30 Como vamos utilizar os dados do IBGE do período em estudo, também utilizaremos a definição desse órgão governamental de pesquisa e estatística que divide da seguinte forma as populações residentes nos municípios: “POPULAÇÃO URBANA E RURAL – considerou-se *população urbana* a recenseada nas cidades e vilas (quadros urbano e suburbano); a *população rural* constituiu-se da recenseada fora dos limites das Cidades e Vilas.” Relatório oficial do IBGE senso de 1960. Biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t4_ce.pdf. P XI. Pesquisa realizada em 09/07/2013 às 9:18. Mas infelizmente a metodologia adotada para a pesquisa em relação à população residente na zona urbana (segundo o IBGE centro e subúrbio) e zona rural (áreas agrícolas) no Relatório por Estado não é satisfatória, pois é apresentada por idade de menos de um a 100 anos, e por sexo e no total geral por zona fisiográfica e não por município.

31 Alguns estudos mostram a ligação permanente dos migrantes entre o destino e a origem quando se trata de migrações sazonais, ou temporárias com objetivo explícito de retorno, ou ainda quando acontecem dentro de mesmo estado entre municípios ou entre interior e capital, o que não quer dizer que a possibilidade de retorno não se transforme em permanência no destino e em conflito familiar, como mostrou o estudo que Menezes realizou: MENEZES, M. A. *Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes*: um estudo de famílias de Camponeses – migrantes. Rio de Janeiro: RelumeDumará; João Pessoa, PB: EDUFPB, 2002. ESTRELA, E. S. *Os Sampauleiros*: Cotidiano e representações. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP; FAPESP:EDUC, 2003. SANTANA, C. D’Almeida. *Linguagens Urbanas, Memórias da Cidade*. Vivências e Imagens da Salvador de Migrantes. São Paulo: Annablume, 2009. SERVIÇO, Pastoral dos Migrantes (SPM) CENTRO, de Estudos Migratórios (CEM) e outros Organizadores. *O Fenômeno Migratório no Limiar do Terceiro Milênio*: desafios pastorais. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998. PP 203-361.

32 PAIVA, ODAIR DA CRUZ. Migrações e Nova Fronteira Utopica. IN: *Migrações Internacionais: desafios para o século XXI*. Odair da Cruz Paiva (organizador). São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007. P 12.

33 Ibid., p. 13.

34 Ibid., p. 15.

35 Ibid., p. 17.

36 Ibid., p. 17.

37 POUTIGNAT e STREIFF-FRENART publicaram na segunda parte de Teorias da Etnicidade os Estudos de Fredrik Barth “Grupos étnicos e suas fronteiras” quando explicam em nota de rodapé que “Este texto é a introdução de uma obra coletiva dirigida por F.

Barth: *Ethnicgroupsandboundaries. The social organization of culture difference*. Bergen, Oslo: Universitetsforlaget, 1969. PP 187-227.

38 Ibid., p. 18.

39 Ibid., p. 24-25.

40 “Não se pode escrever inocentemente sobre a imigração e sobre os imigrantes”; não se pode escrever sem se perguntar o que significa escrever sobre esse objeto, ou o que é o mesmo, sem interrogar-se acerca do estatuto social e científico desse mesmo objeto. Objeto esse social e politicamente (ou nacionalmente) sobredeterminado, e duplamente sobredeterminado, na medida em que concerne a uma população social e politicamente dominada – a ciência do ‘pobre’, do ‘pequeno’ (socialmente) seria uma ciência ‘pobre’, seria uma ciência ‘pequena’...” p. 21.

41 MENEZES, M. A. *Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de Camponeses – migrantes*. Idem. Ver igualmente LUCENA, C. T. *Artes de Lembrar e de Inventar: (re) lembranças de Migrantes*. Idem. Tomei o depoimento de meu avô entre outros agricultores durante a pesquisa para o Mestrado quando investiguei a mobilidade na zona rural entre municípios da zona norte cearense, de propriedade em propriedade rural, de povoação a povoação, menos cidades, e meu avô enfatiza em uma passagem muito emocionante que minha avó não queria sair da Serra da Meruoca para o Sertão de Santa Quitéria, ela temia mudar porque havia nascido e crescido perto dos pais, parentes, vizinhos, e não conhecia outro lugar.

42 Sayad analisa as condições espoliadoras com quem viviam os trabalhadores imigrantes na França e chama atenção para as possibilidades da família emigrar e se juntar ao imigrante chefe na França: “o mais das vezes casado e pai de família, não seria possível proibi-lo de trazer para junto de si, dentro de certos limites e sob certas condições, sua mulher e seus filhos – não se poderia nem mesmo impedi-lo indefinidamente de fazê-lo, principalmente quando manifesta tal desejo”. Da forma como esse autor fala, dá para interpretar que só importaria o desejo manifesto do imigrante chefe de família, sem contar a forma discriminatória como são tratadas viúvas e crianças na ausência dos maridos por morte ou separação pelas instituições francesas, já explicitado na nota 8 acima. p. 59.

43 SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Trad. Cristina Murchoco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p. 14-15.

44 Ibid., p. 13. Sayad esclarece que “Está claro que se trata da imigração argelina na França, quando conhecemos o caráter *exemplar*, em muitos aspectos, dessa imigração: exemplar em razão de sua relativa precocidade – ela foi, ao que parece, a mais antiga de todas as imigrações originárias dos países que hoje chamamos de países do Terceiro Mundo –; em razão das condições históricas e do contexto (o quadro colonial) nos quais nasceu e se desenvolveu...” p. 19.

45. Ibid., p. 16.

46 Ibid., p. 16.

47 Ibid., p. 17.

48 Ibid., p. 17.

49 Ibid., p. 20.

50 Ibid., p. 45-72.

51 Ibid., p. 54.

52 Ibid., p. 55.

53 Ibid., p. 55.

54 Ver: MENEZES, M. A. *Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de Camponeses – migrantes*. Idem; SANTANA, C. D'Almeida. *Linguagens Urbanas, Memórias da Cidade: Vivências e Imagens da Salvador de Migrantes*. Idem; LUCENA, C. T. *Artes de Lembrar e de Inventar: (re) lembranças de Migrantes*. Idem; SOUZA, J. Carlos de. *Ocupantes de Áreas Urbanas em São Paulo: Trajetórias de Vida Linguagens e Representações*. IN: *Revista Brasileira de Historia*. Dossiê: Arte e Linguagens. São Paulo, V. 18, n.º 35, p. 361-373. Ano 1998.

Referências

BARBOSA, Ivone C. **Sertão: um lugar– incomum**. O sertão do Ceará na Literatura do Sec. XIX. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em História) – USP.

BARTH, F. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Trad. John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

ESTRELA, E. Souza. **Os Sampauleiros: Cotidiano e representações**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: Fapesp: EDUC, 2003.

FONTES, P. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

LUCENA, C. T. **Artes de Lembrar e de Inventar: (re)lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MARTINS, J. de S. **Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo, Hucitec, 1997.

MENEZES, M. A. **Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses – migrantes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: EDUFPB, 2002.

PAIVA, Odair da Cruz. (org). **Migrações Internacionais: desafios para o século XXI**. Odair da Cruz Paiva (organizador). São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007.

_____. **Caminhos Cruzados:** Migração e Construção do Brasil Moderno (1930-1950). Bauru: EDUSC, 2004.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FRENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade:** seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

SANTANA, C. D'Almeida. **Linguagens Urbanas, Memórias da Cidade:** Vivências e Imagens da Salvador de Migrantes. São Paulo: Annablume, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAQUET, M. A. **Abordagens e Concepções de Território.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TAUBE, M. J. de M. **De migrantes a favelados:** Estudo de um Processo Migratório. V. I. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

SERVIÇO Pastoral dos Migrantes (SPM); CENTRO de Estudos Migratórios (CEM) e outros Organizadores. **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio:** desafios pastorais. Petrópolis: Vozes, 1998.